

AMIZADE POLÍTICA EM HANNAH ARENDT¹

Conceição de Maria Goulart Braga Cuba²

“A diferença decisiva entre as ‘infinitas improbabilidades’ sobre as quais se baseia a realidade de nossa vida terrena e o caráter miraculoso inerente aos eventos que estabelecem a realidade histórica está em que, na dimensão humana, conhecemos o autor dos ‘milagres’. São homens que os realizam – homens que, por terem recebido o duplice dom da liberdade e de ação, podem estabelecer uma realidade que lhes pertence de direito”.³

Resumo

A era moderna enfraqueceu a esfera pública e transformou a amizade, que passou a ser praticada na privacidade do lar. Por isso, a amizade passou a ser percebida apenas como relacionamento íntimo, sem abertura para o mundo. As conseqüências disso são bastante graves para o idoso, que fica isolado e privado de compartilhar a vida, de garantir direitos e de exercitar a sua cidadania no mundo comum com outros cidadãos. O objetivo do presente artigo é mostrar a importância da amizade política, segundo a compreensão de Hannah Arendt. A amizade política constitui uma possibilidade para manter o idoso atualizado e interessa-

¹ Texto extraído da minha dissertação de mestrado “Ninguém Vive Sem Amizade! A Importância da Amizade Política dos Idosos Colaboradores da UnATI/UERJ”, PUC-Rio, 2005. Para esta publicação, a versão original sofreu alterações e atualizações.

² Assistente social, coordenadora operacional do Projeto “Idosos Colaboradores” da UnATI/UERJ; mestre em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação do Departamento de Serviço Social – PUC-Rio.

³ Arendt, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. 5ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2002c:220.

do nos problemas sociais. Nesse sentido, pode se associar a outros idosos e outras gerações para lutarem pela realização dos seus direitos.

Palavras-chave: Hannah Arendt; idoso; amizade política; serviço social.

Abstract

The modern era weakened the public sphere and changed friendship, which became a practice only in the intimacy of home. Therefore, friendship started to be felt only in close relationships, without room for the outside world. This brought severe consequences to the elderly, who became isolated and unable to share their lives, to guarantee their rights and to exercise their citizenship in the common world, with other citizens. The aim of this article is to show the importance of political friendship, according to Hannah Arendt. Political friendship establishes a possibility to keep the elderly updated and interested in social matters. That way they can socialize with their peers and with other generations, as well as engage on movements for the accomplishment of their rights.

Key words: Hannah Arendt; elderly; political friendship; social work.

A primeira vez em que pensei em estudar a amizade política, no sentido arendtiano, construída por idosos, duas questões me inquietaram: Como Hannah Arendt apresenta essa dimensão da amizade? E se é possível o exercício da amizade política pelos idosos? A partir destas questões desenvolvi minha pesquisa de mestrado junto a um grupo de idosos participantes do Projeto "Idosos Colaboradores" da UnATI/UERJ – Universidade Aberta de Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cujo os resultados embasam as reflexões que apresento a seguir. Os idosos me mostraram que a velhice não representa uma etapa da vida, em que eles esperam, desejam e têm prazer em se isolar no espaço privado da casa para sentar na cadeira de balanço, fazendo tricô ou deitar no sofá e assistir à televisão, como é comumente expresso no imaginário social sobre essa geração. Eles revelaram, ao contrário, que o isolamento os inquieta e que esperam oportunidades para agirem no espaço público, onde podem conhecer e ser conhecidos por outros sujeitos sociais, tornando-se úteis, produtivos e, podendo atualizar os seus conhecimentos e construir novos relacionamentos de amizade.

O isolamento é uma das conseqüências da modernidade e esta reduziu as famílias e as casas e, com isso, afastou geograficamente os membros das famílias, que saem para trabalhar ou estudar e restringem a presença junto aos seus pais e avós. Desse modo, os tempos atuais – modernidade, pós-modernidade, contemporaneidade –, onde as relações líquidas, efêmeras e virtuais são conectadas em rede pela internet, a qualquer momento podem ser deletadas, como diz Bauman (2004). A sociedade também constrói guetos em condomínios fechados, como proteção contra a violência urbana, mas provoca um isolamento dos cidadãos, dificultando a inserção dos idosos no mundo comum a todos, a sua sociabilidade e a construção de amizades, principalmente da amizade política que requer a associação pública, assim os excluindo ainda mais.

Essas questões ajudam a pensar que, o progressivo envelhecimento brasileiro, mostrado no Censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE, 2000), onde o Brasil figura como 13º país no mundo e o 5º na América Latina em população idosa, revela que este país é notadamente um país que envelhece e, não mais, um país tão jovem. Por isso, essa evidência impõe a criação de políticas e estratégias por parte do Estado, de toda a sociedade, dos profissionais envolvidos nos trabalhos com essa geração e dos próprios idosos, para viabilizar uma velhice plena de direitos.

A certeza de que 8,6% de idosos correspondendo a um total de 14.236.029 sujeitos maiores de 60 anos, com uma expectativa de vida de aproximadamente 68,55 anos, como mostrou o Censo de 2000 (FIBGE), foi sendo significativamente suplantada em apenas cinco anos, contando em 2005, com 18 milhões de idosos, ou seja, 9,9% da população do país, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD divulgada em 2006, que reafirma esse posicionamento.

Além disso, o Estado do Rio de Janeiro, com 10,7% de idosos, supera a taxa nacional e representa o 3º Estado da Federação em número de idosos (1º São Paulo; 2º Minas Gerais). Figura o Rio de Janeiro como 2º município, em números absolutos e em primeiro lugar em proporção de idosos com um percentual de 12,8%. A maioria dos idosos do Rio de Janeiro reside na Zona Sul (708 mil) e o bairro de Copacabana é o mais numeroso com 28% de idosos, segundo os dados censitários apresentados pela FIBGE (2000). A Organização das Nações Unidas (ONU) prevê que em 2025 o Brasil será o 6º país do mundo com uma população

de 31.8 milhões, acarretando sérias conseqüências para a economia do país, pois acentua os diversos problemas sociais que afetam a qualidade de vida dos idosos e consomem parte dos recursos públicos (Veras, 2004).

Para Salgado (1980), um grande contingente de idosos em um país constitui uma questão social. A meu ver, a diversidade de problemáticas que o acelerado envelhecimento populacional acarreta em uma sociedade como o Brasil, repercutindo social, econômica e politicamente na vida dos idosos e na economia do país, como causa e conseqüência, compreende uma das formas como a questão social se expressa.

Além de todas as questões, em que implica o acelerado aumento da população idosa no país, os idosos acumulam muitas perdas ao longo da sua existência. São de ordem individual, associadas à idade avançada como os déficits (auditivo, visual, motor etc) e às doenças. É certo que, ao se aposentarem os salários dos idosos sofrem uma significativa redução. E de ordem social, sendo a principal, o direito social da aposentadoria que tem duas conseqüências bastante cruéis para os idosos: a redução do salário e a exclusão dos trabalhadores aposentados do espaço da sociabilidade e de exercício da amizade. Em outras palavras, os idosos aposentados se retiram do mundo do trabalho, onde passam a maior parte dos seus dias, talvez convivendo mais com os amigos de trabalho do que com a família. Como a sociedade não prepara os sujeitos para a convivência familiar, mas para o trabalho, ao se aposentarem e passarem mais tempo com os familiares, há um certo estranhamento.

Esse conjunto de fatores contribui para aumentar o desrespeito, o preconceito e a discriminação que a sociedade brasileira direciona, ainda no presente século, a essa geração, resultando no isolamento dos idosos e, muitas vezes, na sua solidão. O isolamento e a solidão acontecem, mesmo quando os idosos residem com os filhos e os netos, pois os acontecimentos diários são participados aos pais, ficando os avós na posição de "ouvintes".⁴ Isolados eles perdem a sua capacidade política, ou seja, o poder e a capacidade de agir em conjunto com outros cidadãos no espaço público do mundo comum a todos (Arendt, 2002 a).

Enquanto o isolamento refere-se "apenas ao terreno político da vida", a solidão "se refere à vida humana como um todo" (Arendt, 1989:527).

⁴ Na pesquisa realizada, como já foi mencionado, este achado é recorrente.

A solidão é a experiência da superfluidade humana, ou seja, de que os homens não possuem nenhuma forma de pertencimento ao mundo. Vivem também desarraigados ou sem raízes, não possuindo no mundo, um lugar reconhecido nem garantido efetivamente para eles (Arendt, 1989:528). A identidade do solitário só pode ser confirmada pelos semelhantes, mas a solidão consiste em completo abandono e “se manifesta mais nitidamente na companhia de outras pessoas”, pois embora cercado por várias pessoas, o solitário não consegue dialogar com elas, nem ocupar o espaço público. O mundo lhe é hostil.

E a solidão, “que já foi uma experiência fronteira, sofrida geralmente em certas condições sociais marginais como a velhice, passou a ser, em nosso século, a experiência diária de massas cada vez maiores” (Ibid.:530). Circunscrevendo-me à realidade brasileira, observo que uma grande parte dos idosos mora só, por opção ou contingência da vida, como a viuvez, por exemplo. Constituem unidades familiares unipessoais (1603.883 unidades), sendo a maioria composta por mulheres idosas morando sós e correspondem a 17,9% do total. Vêm aumentando substancialmente, nas estatísticas do presente século, mas constituem uma grande preocupação para os governos e para as políticas sociais, pois dificulta o apoio a essas mulheres idosas. Além disso, 84,4% de idosos brasileiros, com um rendimento médio de R\$ 657,00, são responsáveis por domicílios e vêm ocupando um papel de destaque no modelo de organização familiar (FIBGE, 2000).

Amizade e amizades

Em pesquisas anteriores (Nunes & Peixoto, 1995; Goldman, 1999), realizadas com os alunos idosos da Universidade Aberta da Terceira Idade – UnATI/UERJ, estes já apresentavam, em primeiro lugar “adquirir nova aprendizagem” e em segundo lugar “construir novas amizades”, como o motivo para sua inserção nas atividades desse programa universitário. Dois artigos escritos por mim e pela coordenadora geral⁵ do Projeto “Idosos Colaboradores”, mostram a construção da amizade e da aprendizagem, na troca de experiências em grupo, pelos idosos, mas o tema da amizade não foi aprofundado (Nunes *et al*, 2000; Nunes & Cuba, 2001). No ano 2000, ao iniciar minhas atividades junto referido Projeto,

⁵ A coordenadora geral do Projeto “Idosos Colaboradores” – Alzira Tereza G. Lobato Nunes – é assistente social, professora da Faculdade de Serviço Social da UERJ e atual ouvidora dessa universidade.

os idosos declaravam a busca e a construção de novas amizades, sendo esse um tema recorrente em outras reuniões. Assim, a construção de amizades já era expressa e valorizada pelos idosos colaboradores. Mas, eu observava que a forma como se referiam às amizades construídas no projeto era diferente da amizade íntima, apenas de troca de confidências, o que instigava a minha curiosidade.

Visando compreender o significado da amizade construída por esses idosos, entrevistei na pesquisa mencionada oito idosos (02 homens e 06 mulheres), integrantes do Projeto "Idosos Colaboradores" da UnATI/UERJ, do qual sou coordenadora operacional desde 2000. O Projeto visa a valorização do conhecimento dos idosos, que colaboram nos setores internos da UnATI/UERJ e a participação social, segundo as idéias de Safira Amman (1980). Os idosos encontravam-se em uma faixa etária entre 64 e 82 anos e se engajaram no Projeto, entre os anos de 1996 a 2002. A maioria (07) residia na zona norte e uma idosa residia na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Percebiam uma renda individual de, aproximadamente 1,5 a 9 salários mínimos federais.

Os dois homens eram casados (um deles faleceu no primeiro semestre de 2006), cinco mulheres eram viúvas e uma outra mulher idosa era casada (casou novamente após sua viuvez). Em relação à situação previdenciária, os 02 homens são aposentados; 01 mulher idosa trabalha, 04 são aposentadas e pensionistas e 01 mulher idosa é aposentada. Em relação à escolaridade, apenas um dos homens cursou o terceiro grau completo, trabalhando e aposentando na sua área de estudo; uma das idosas cursou o terceiro grau, mas desenvolveu as suas atividades profissionais em nível técnico. Os demais idosos cursaram e trabalharam em nível correspondente ao primeiro grau incompleto e nível técnico. Esses idosos compreendem aqueles trabalhadores que, a partir da década de 1940 estavam inseridos nas lutas por direitos sociais, junto aos amigos construídos no espaço do trabalho e dos sindicatos das suas categorias profissionais.

A amizade não é uma temática estudada pelo Serviço Social e, por isso, busquei apoio na Antropologia, na Psicologia, na Filosofia, nas histórias da Revolução Francesa (Bastiat, 2001; Duvignaud, 1990; Michelet, 1988) e do Brasil (Freyre, 2001; Holanda, 1987; DaMatta, 1997; Ribeiro, 1995), para compreender a construção da amizade política nesses contextos. Realizei também um estudo na literatura nacional (Capi-

tanini & Néri, 2004; Erbolato, 2001) e estrangeira (Adams, Blieszner & de Vries, 2000; Karlsson & Borell, 2005) sobre a amizade no envelhecimento, onde identifiquei que no Brasil, a amizade nessa faixa etária é estudada pela Psicologia e na Europa e nos Estados Unidos essa temática vem sendo estudada também pelos assistentes sociais, mas esses trabalhos não apresentam a amizade política exercitada pelos idosos, constituindo assim uma das dificuldades encontradas para a viabilização do meu estudo.

Uma outra dificuldade encontrada era que eu compreendia a amizade, segundo a afirmação de Hannah Arendt (2003:30) em seu discurso para homenagear seu amigo Lessing. Nesse discurso ela diz que a sociedade se acostumou a perceber a amizade apenas como um fenômeno da intimidade, de abertura dos corações, sem exigências mundanas. No entanto, a autora trouxe uma luz nova sobre a minha percepção, mostrando uma dimensão mundana da amizade.

A amizade política é diferente da amizade na política, comum e histórica na política brasileira, onde os amigos são favorecidos com tudo e os inimigos são premiados com a lei, segundo Carvalho (2002) e DaMatta (1997). DaMatta (1984) esclarece que no Brasil, a amizade tornou-se uma estratégia social e política e, assim, facilita o acesso às instituições onde os direitos são realizados. Desse modo, a cordialidade, a solidariedade e as relações fraternas, tão exercitadas na amizade entre os brasileiros, também são elementos que expressam o “sabe com quem está falando?”, que ainda é recorrente na sociedade brasileira relacional e igualitária.

A amizade política

Tomei contato com a teoria política de Hannah Arendt e da categoria da amizade política, na Disciplina “Atividades Programadas”, ministrada pela professora Ilda Lopes Rodrigues da Silva, em 2003 e de uma vídeo-conferência com o professor Francisco Ortega do Instituto de Medicina Social da UERJ, mas ainda assim, ingressei na Disciplina Filosofia Política, ministrada pelo professor Eduardo Jardim de Moraes, na PUC-Rio, para um maior aprofundamento dos estudos sobre a autora.

A *amizade política* foi estudada em Hannah Arendt, no Capítulo II de “A Condição Humana”, quando ela apresenta as Esferas Pública e Privada e no livro “Sobre a Revolução”, na parte intitulada “Questão

Social”. Essa categoria está ligada, na obra da autora, à Revolução Francesa, pois, segundo os historiadores que analisaram essa Revolução, inclusive Hannah Arendt, foi a reunião dos amigos nos cafés parisienses que fundou a Revolução e foi a amizade a alternativa apresentada para a sua solução.

Em um e-mail que enviei ao professor Celso Lafer (2004), consultando sobre a associação entre a amizade e os direitos sociais, ele respondeu dizendo que:

“O tema da amizade e o seu papel na política é discutido pelos gregos – é a **filia**⁶ que, por exemplo, Aristóteles discute. Não conheço trabalhos vinculando a amizade aos direitos sociais; talvez se possa vincular o tema da fraternidade, do lema da Revolução Francesa à ‘filia’ pois a fraternidade aprofunda a noção clássica da amizade a ela agregando a aspiração da solidariedade horizontal” (Lafer, e-mail:2004).

A categoria da amizade, assim associada, torna-se uma amizade política prescrita na Declaração dos Direitos Humanos de 1948 e na Constituição brasileira de 1988, onde a solidariedade é inspirada na fraternidade da Revolução Francesa e garante direitos, como a participação e a integração no espaço público com outros cidadãos.

Mas a amizade não parece ser um tema novo para Hannah Arendt, pois desde a sua infância, a sociabilidade e a construção de amizades foram a maior preocupação da sua mãe, Martha Arendt, e por isso, bastante estimuladas por ela. Hans Jonas, uma amizade que durou toda a vida, costumava dizer que Arendt possuía uma ‘vocaçãõ para a amizade’, sendo movida pelo “*Eros der Freundschaft* (o Eros da amizade)”, considerando “as amigas o centro da sua vida” (Young-Bruehl, 1997:13).⁷

Seu talento para contar histórias – que contou com prazer até o fim da vida –, “traziam as pessoas até ela”, sendo no recurso da história – sua *scheherazaderie* – que ela se apoiava para enfrentar os momentos de tristeza, desde a infância, diz Young-Bruehl (1997). Esse gosto pela história pode ter dado origem à esperança e ao otimismo de Hannah

⁶ Grifos do original.

⁷ Itálicos do original.

Arendt em relação ao mundo. Entretanto, ela acreditava que a “única cura” para enfrentar a solidão era a amizade (Young-Bruehl, 1997:379).

Hannah Arendt e o seu segundo marido, um refugiado comunista de Berlim, Heinrich Blücher, verdadeiro “animal muito político”, que foi também seu “colaborador autodidata”, viviam cercados de amigos. Dentre eles, Karl Jaspers, Walter Benjamin, o romancista Hermann Broch, Kurt Blumenfeld, com quem conheceu ‘a questão judaica’, sua preocupação permanente desde a juventude. Alguns dos seus amigos eram, de certa forma, excluídos e párias por livre escolha ou “pelo destino” (Young-Bruehl, 1997:16), havendo uma afinidade com ela, que escrevia do lugar de excluída e de apátrida. De certa forma, esses amigos eram “não-assimilados”.

Para essa “polítóloga”, que apresentou ao mundo uma idéia de um constante recomeçar, pela análise da crise das certezas da tradição e do fim do dogmatismo, essa “crise do nosso tempo”, junto à “sua principal experiência deram origem a uma forma inteiramente nova de governo” (Arendt, 1989:531), transformou as relações de autoridade e poder. E mostrou ao mundo que os homens são supérfluos e descartáveis (Arendt, 2002 a). Parece ser na contramão do supérfluo e do descartável que Hannah Arendt apresenta a possibilidade da amizade política.

A política na compreensão arendtiana compreende a participação dos homens em um mundo comum, não estando restrita a apenas alguns burocratas, empossados para administrar o país. Essa ação, que é prerrogativa da manifestação política, torna as pessoas, humanas. Sendo capazes de agir, criando algo novo, tudo o que parte dos homens é da ordem do surpreendente, por isso não pode ser previsto em nenhuma lei, mas manifesta o direito a ter direitos ou cidadania como entende Hannah Arendt (2002 a). Entretanto, a ação só é política, quando se liberta dos interesses individuais, ligados às necessidades, podendo fazer uma interconexão com uma compreensão de virtude pública que deriva da honra, da glória, do amor à igualdade e inclusive do medo, do ódio ou da desconfiança (Eisenberg, 2001).

Amizade política corresponde à associação voluntária, ao agir em conjunto, ao convívio com cidadãos diferentes, através de uma pluralidade de idéias no mundo comum, onde os cidadãos distinguem-se na sua singularidade, que emerge no diálogo e na ação. Para Arendt (2002 a) a amizade equivale, “mas é diferente do amor” porque além de ser ação

plural entre diferentes e pública, exige um certo distanciamento na proximidade. Constitui uma tentativa de resgatar o interesse dos excluídos pelo espaço da cidade, pois a relação dialógica e o intercâmbio de conversas une os cidadãos em torno de uma *polis*.

A amizade política arendtiana é um relacionamento solidário sem intimidade, dinâmico, aberto, voltado para o mundo, construída pelo discurso e pela ação de cidadãos desiguais, reunidos no espaço público, onde expressam livremente as suas opiniões e o que pensam ser a verdade, também estabelecendo acordos. Segundo Hannah Arendt, mesmo havendo prazer com a presença do amigo, a amizade política refere-se ao mundo comum, que só se tornou humano, quando passou a ser objeto de discurso e com a possibilidade da amizade. A qualidade de humano, pelo discurso, é um fato político que concede *cidadania* a todos, porque ao se expressarem, partilham o mundo e a vida com outros cidadãos.

A amizade política e cidadania

A minha pesquisa⁸ encontrou duas dimensões de amizade: amizade como *suporte social* e *amizade política*. A primeira consiste em um bem-estar subjetivo e compreende o apoio (financeiro, emocional e outros) trocado entre os idosos e os familiares, com os vizinhos e com os amigos. A segunda amizade política é compreendida, segundo Hannah Arendt como:

“O elemento político da amizade, reside no fato de que, no verdadeiro diálogo, cada um dos amigos pode compreender a verdade inerente à opinião do outro. (...) Esse tipo de compreensão – em que se vê o mundo do ponto de vista do outro – é o tipo de *insight* político por excelência” (Arendt, 2002b:99).

Desse modo, os idosos colaboradores são sujeitos que se inserem no mundo público e exercitam a amizade política através da palavra e da ação. A inserção no Projeto “Idosos Colaboradores” representa uma estratégia para enfrentar o isolamento e a solidão, construindo amizade política, que altera completamente o jogo entre a luz e a obscuridade, entre o secreto e o comunicável, inerente ao espaço da intimidade, alheio aos olhares dos outros cidadãos.

⁸ Trata-se da pesquisa referida na nota 1 do presente artigo.

Eles associam a amizade a: ação, fraternidade, solidariedade, direitos, respeito, confiança, fidelidade, verdade, relação entre diferentes, participação, política, cidadania e outros. E a amizade política foi expressa em todos os depoimentos, de maneira transversal, mas uma das idosas declarou: “A amizade pode inserir um pouco de política, porque a política está em tudo. Depende do tipo de política que se insira na amizade” (Flor, 2005)⁹. A amizade política foi melhor definida por um dos idosos:

“Sim, sem dúvida nenhuma é uma amizade política. Agora é naturalmente que eu não quis dizer a você, é que essas amizades talvez seja um tipo de amizade – não é aquela do cotidiano, de ir pra casa, passear, e conviver, e... contar segredo... É uma amizade de respeito, de atenção, de carinho no próximo e também de dispensa. (...) Então essa amizade, sem dúvida existe, mas não é aprofundada como aquela amizade de estar na casa um do outro, comendo junto, não precisa isso pra exercer essa amizade. Essa amizade vem do prazer em frequentar os ambientes da mesma verdade, o pensar do mesmo modo” (Luiz, 2005).

Os idosos assim mostram uma transgressão à lógica do individualismo e do consumo, propagada na sociedade brasileira contemporânea, ao se associarem a outros idosos pela amizade política. Entretanto, são as atividades do Serviço Social do Projeto que possibilitam a construção e o exercício dessa forma de amizade, segundo os idosos. E, nas reuniões, eles garantem o seu direito de falar, de se comunicar, de trocar experiências, de participar e de conhecer as leis que garantem os direitos, para poderem informar aos outros sobre esses direitos e exercerem a sua cidadania.

Considerações finais

Estando ligada à fraternidade e à solidariedade, a amizade política é um direito e garante direitos, uma vez que, ao afirmar a Constituição do Brasil de 1988 no artigo 3º, inciso I, que um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil é “construir uma sociedade livre, justa e solidária” (Brasil, 1988), expressa a solidariedade como um desses objetivos.

⁹ Para preservar o anonimato dos idosos entrevistados na minha pesquisa, atribuí às mulheres idosas, nome de flores e aos homens idosos, nomes próprios aleatórios.

Acredito na relevância do estímulo da amizade política entre a geração idosa, pelo Serviço Social porque as ações públicas desenvolvidas com os idosos, em grupo, geram um poder entre eles e os fortalece. Também lhes permite fortalecer a sua autoridade, o que lhes dá legitimidade, para começarem algo novo, agindo e dialogando no espaço público, associados a outros idosos. Além disso, ativos e propositivos, eles exercitam o seu *direito a ter direitos* ou cidadania arendtianos, no mundo comum a todos os cidadãos.

A amizade política dos idosos colaboradores representa uma forma de re-significar a velhice, pois ao contrariarem a lógica individualista, eles se assumem como cidadãos de todos os direitos, fundamentais e sociais e com o mesmo *status* de todos os outros sujeitos de direitos. Mostram que o enfrentamento do desrespeito, da discriminação e do preconceito não está ligado à criação de novas categorias (idoso, terceira idade, nova idade, e outras), que tentaram reverter o quadro estigmatizante da velhice “decrépita e assistida” (Beauvoir, 1990), mas de uma etapa da vida ativa com o seu tempo livre empregado de forma criativa.

Ao participarem das atividades do Projeto, os idosos colaboradores “lutam contra o passado e o futuro” (Arendt, 2002c:36-7), garantindo e defendendo o seu lugar no mundo. Vivem o presente, como se fosse o futuro, aprimorando o seu poder de luta, ao exercitarem a amizade política e, desse modo, a sua velhice ganha um novo sentido, fazendo com que a sociedade possa apreender a sua visibilidade. Mostram que tem razão Hannah Arendt, ao dizer que, embora morrer seja a vicissitude da vida, os homens não nasceram para morrer, mas para começar (Arendt, 2002 a).

Bibliografia

- ADAMS, Rebecca G.; BLISZNER, Rosemary & de VRIES, Brian. *Definitions of Friendship in the Third Age: Age, Gender, and Study Location Effects*. Journal of Aging Studies, 14 n° 1, março 2000.
- AMMANN, Safira. *Participação Social*. 2ª ed. revista e ampliada São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.
- ARENDRT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. 10ª ed. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense Universitária, 2002 a.

- _____. *As origens do Totalitarismo*. Tradução de Roberto Raposo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Documentário, 1989.
- _____. *A Questão Social*. In: *Da Revolução*. Título original: *On Revolution* (1963). São Paulo/Brasília: Ática/UNB, 1988.
- _____. *Sobre a Revolução*. Tradução de I. Moraes. Lisboa, Portugal: Moraes, 1971.
- _____. *A Dignidade da Política: Ensaio e Conferências*. Tradução de Helena Martins, et al. In: ABRANCHES, Antonio (Org.). 3ª edição, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002 b.
- _____. *Que é Autoridade?* In: *Entre o Passado e o Futuro*. 5ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2002 c.
- _____. *Os homens em tempos sombrio*. Tradução de Denise Bottmann, 3ª. reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- AWI, Felipe. *Antigas Carências na Saúde do Idoso*: In: "O Globo", Caderno Especial "Eleições". Rio de Janeiro. 23.09.2006, p. 4.
- BASTIAT, Frédéric. *Individualisme et fraternité*. Copyright by Michel Leter & Presses de l'Université Libre de Paris, 2001. Acesso: 13.03.2005. Disponível em: <http://aboutleter.chez.tiscali.fr/pages/etexts%20Bastiat/individualismetlib.html>.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Martins. 4ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil – Atualizada pela EC 40*. Editada por De Paulo, Antonio. 14ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- _____. Senado Federal. Lei nº 8.842 – *Política Nacional do Idoso*. Brasília, 1994.
- _____. LEI Nº 10.741/2003 – *Estatuto do Idoso*. São Paulo: Editora Escala. SP, 2003.
- CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana L. Como Vive o Idoso Brasileiro? In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). *Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004a.
- _____. Quão Além dos 60 Poderão Viver os Idosos Brasileiros? In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). *Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004b.
- CAPITANINI, Marilim Elizabeth S. & NÉRI, Anita Liberalesso. Sentimentos de Solidão, Bem Estar Subjetivo e Relações Sociais em Mulheres Idosas Vivendo Sozinhas. In: NÉRI, Anita. L. & YASSUDA, Mônica S. (Orgs.). *Velhice Bem-Sucedida: Aspectos Afetivos e Cognitivos*. Campinas: Papirus, 2004.

- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: O Longo Caminho*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CUBA, Conceição de Maria G. Braga. *Ninguém Vive Sem Amizade! A Importância da Amizade Política dos Idosos Colaboradores da UnATI/UERJ*. Dissertação de Mestrado junto ao programa de Pós-Graduação em Serviço Social, PUC-RJ, 2005.
- DAMATTA, Roberto. *O que Faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- _____. *Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. Em Torno dos Amigos e da Amizade. In *Leituras Compartilhadas*. Ano 3. Fascículo 10. ISSN 1677 – 387X. Rio de Janeiro: Leia Brasil, 2003. Disponível em: <http://www.leiabrasil.org.br>.
- DUVIGNAUD, Jean. *La Solidaridad: Vínculos de Sangre y Vínculos de Afinidad*. Tradução de José Barrales Valladares. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica S.A., 1990.
- EISENBERG, José. *Comunidade ou República? Hannah Arendt e as Linguagens do Pensamento Político Contemporâneo*. In: MORAES, Eduardo Jardim de & BIGNOTO, Newton. (Orgs.). *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- ERBOLATO, Regina Mª Prado. *Contatos Sociais: Relações de Amizade em Três Momentos da Vida Adulta*. Tese de Doutorado, PUCCAMP: Campinas/SP, 2001.
- FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 43ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- FUNDAÇÃO Instituto Brasileiro de Estatística. *Perfil dos Idosos Responsáveis pelos Domicílios*. Comunicação Social FIBGE, 25 de julho de 2002. Acessível em: www.ibge.gov.br. Acesso: 20.09.2005.
- _____. *Censo Demográfico 2000 – Características da População e dos Domicílios – Resultado do Universo*. Rio de Janeiro, 2000.
- _____. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio/ 2005*. Acessível em: www.ibge.gov.br. Acesso: 20.10.2006.
- GOLDANI, Ana Maria. *As Famílias no Brasil Contemporâneo e o Mito da Desestruturação*. In: Cadernos Pagu, nº 1, Campinas, SP: UNICAMP, 1993.
- _____. *Relações Intergeracionais e Reconstrução do Estado de Bem-Estar*. Por Que se Deve Repensar Essa Relação Para o Brasil? In: Camarano, Ana Amélia (Org.). *Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004a.
- GOLDMANN, Sara Nigri. *Universidade para Terceira Idade: Uma Lição de Cidadania*. Olinda, PE: Elógica, 2003.
- KARLSSON, Sofie Ghazanfareon & BORELL, Klas. *A home of their own. Women's boundary work in LAT-relationships*. Journal of aging

- Studies nº 19. Departamento de Serviço Social. Suécia: Mid-Sweden University, 2005.
- LAFER, Celso. *Publicação Eletrônica* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por cuba@uninet.com.br em 10 dez. 2004.
- MICHELET, Jules. *O Povo*. Tradução Souza, Gilson C. Cardoso. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MOTTA, Alda Britto da. *Sociabilidades Possíveis: Idosos e Tempo Geracional*. In: *Família e Envelhecimento*. Peixoto, Clarice E. (Org.). Rio de Janeiro: FGV, 2004 b.
- MOTTA, Edith. *Envelhecimento Social*. In: Coleção Temas Sociais. Reedição de 1990, Ano XXII, nº 230. Rio de Janeiro: CBCISS, 1992.
- NUNES, Alzira T. G. Lobato e PEIXOTO, Clarice. *Perfil dos Alunos da Universidade Aberta da Terceira Idade – UnATI/UERJ*. Rio de Janeiro, FSS/UERJ, 1995.
- NUNES, Alzira Tereza G. L. & CUBA, Conceição de Maria G. B. *Os Idosos Colaboradores da UnATI/UERJ – Uma Proposta do Serviço Social*. Comunicação Oral. 10º Congresso Brasileiro de Serviço Social, CFESS/CRESS/ABEPSS/ENESSO, Anais: CD-Rom. UERJ/RJ, 2001.
- NUNES, Alzira Tereza G. L. et al. *Os Idoso Colaboradores da UnATI/ UERJ – Uma Proposta do Serviço Social*. Comunicação oral. II Encontro Nacional de Serviço Social e Seguridade, CFESS, CRESS e outros. Anais. PUC-RS, Porto Alegre/RS, 2000.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU – DIESA). *The World Aging Situation: Strategies and Policies*. Nova York, 1985.
- PNAD – AWI, Fellipe. *Antigas Carências na Saúde do Idoso*. In: "O Globo". Caderno Especial "Eleições". Rio de Janeiro. 23.09.2006, p. 4.
- PEIXOTO, Clarice. *De Volta às Aulas ou De como ser Estudante aos 60 anos*. In.: VERAS, Renato (org.). *Terceira Idade: Desafios para o Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/UnATI – UERJ, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: evolução e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SALGADO, Marcelo A. *Velhice, Uma Nova Questão Social*. São Paulo: SESC, 1980.
- VERAS, Renato Peixoto. *A Era dos Idosos: Desafios Contemporâneos*. In: CALDAS, Célia Pereira. *Saúde do Idoso: A Arte de Cuidar*. Rio de Janeiro: Interciência, 2004.
- YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. *Por amor ao mundo: a vida e a obra de Hannah Arendt*. Tradução Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.